

RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS RECENTES DOS PIBIDIANOS DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS DA UFMG: DESAFIOS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Wesley Klismann Ferreira Valério ¹

Eva dos Reis Araújo Barbosa ²

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise das experiências recentes vivenciadas por pibidianos do curso de Letras-Libras da UFMG, com foco nos desafios enfrentados durante a formação docente no contexto do Pibid. A pesquisa tem caráter qualitativo e se baseia na metodologia de entrevistas semiestruturadas (GIL, 2002), aplicadas a onze bolsistas, dois surdos e nove ouvintes, atuantes em escolas públicas dos anos finais do ensino fundamental. As entrevistas foram feitas em Libras, em formato virtual, ou em português escrito. As respostas gravadas em vídeo foram transcritas para o português. A análise das respostas foi realizada a partir de referencial teórico sobre a importância da prática em sala de aula para a formação docente (LIBÂNEO, 2013; CALDERANO, 2012), além do ensino de Libras como primeira e como segunda língua nas escolas de Educação Básica (QUADROS, 1997; 2019). Durante a análise, foram enfatizados seis pontos principais, vivenciados pelos pibidianos. Os resultados apontam que todos consideram sua experiência no Pibid como positiva. Dentre os principais desafios nas atividades em equipe, foram citados a realização de tarefas acadêmicas, como resumos, relatórios e seminários, além da participação em reuniões, devido ao horário de trabalho. Sobre os principais desafios na escola, foram citados a falta de fluência em Libras por alunos e profissionais, a falta de materiais didáticos e atividades adaptadas para os estudantes surdos. A maioria dos participantes informou que a Libras não é valorizada no ambiente escolar. Sobre a relação com as professoras supervisoras, os pibidianos consideram que as profissionais são muito didáticas, criativas, receptivas e utilizam ótimas estratégias de ensino, tornando a experiência produtiva. Por fim, todos os participantes apontaram a importância do Pibid para sua formação como professores de Libras, a partir do contato com a prática em sala de aula, para a ampliação de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a reflexão crítica.

Palavras-chave: Pibid, Formação docente, Letras-Libras, Relatos de experiência, Educação de surdos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar e analisar os relatos de experiência recentes de licenciandos, surdos e ouvintes, do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), tendo como foco os desafios enfrentados no contato direto dos pibidianos com o ambiente escolar.

¹ Graduado no curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, klismannwesleyUFMG@email.com.

² Professora do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, evalibras@gmail.com.





Sendo uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, o Pibid “tem como finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira”³.

Na UFMG, o Pibid Letras-Libras teve início em novembro de 2024, sendo coordenado pela Prof^a. Dr^a. Eva dos Reis, que faz parte do corpo docente do curso na Universidade. Atualmente, a equipe do projeto é composta por 24 estudantes do curso de Letras-Libras e 3 professores supervisores de escolas públicas da Educação Básica, nas quais a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é ensinada a estudantes surdos, como primeira língua (L1), e ouvintes, como segunda língua (L2).

A partir do contexto apresentado, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, adotando o estudo de caso (GIL, 2002) para análise das experiências formativas dos onze participantes, surdos e ouvintes, que forneceram dados por meio de um formulário *on-line* e entrevistas semiestruturadas realizadas em Libras ou em português, conforme apresentado na seção a seguir. As análises realizadas foram baseadas e orientadas por referenciais teóricos sobre formação docente (LIBÂNEO, 2013; CALDERANO, 2012) e ensino da Libras como L1 e L2 (QUADROS, 1997; 2019). Os resultados das análises são apresentados em seis categorias que envolvem os diferentes desafios vivenciados pelos pibidianos no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, esta pesquisa justifica-se pela relevância de investigar as vivências dos licenciandos do curso de Letras-Libras da UFMG no âmbito do Pibid, uma vez que estas contribuem para a compreensão de como se dá a formação inicial de professores de Libras em contato direto com o cotidiano escolar, no qual têm a oportunidade de relacionar teoria e a prática.

Os resultados da pesquisa, como se verá adiante, evidenciam que, embora o Pibid se configure como um espaço formativo significativo para os licenciandos, os bolsistas ainda enfrentam barreiras estruturais nas instituições em que atuam e desafios de ordem cultural que repercutem diretamente em sua prática docente.

³ Informação disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 03 out. 2025.



METODOLOGIA

A presente pesquisa insere-se no campo dos estudos qualitativos, uma vez que busca compreender como os pibidianos do curso de Letras-Libras da UFMG interpretaram e valoraram suas próprias vivências em contexto escolar, sem preocupação com dados estatísticos.

Com base nos objetivos da pesquisa, optou-se pelo estudo de caso, definido por Gil (2002, p. 54) como “o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. O objeto escolhido como foco de análise foram as experiências formativas recentes de bolsistas do Pibid, considerando sua contribuição para a constituição da identidade docente. São, portanto, experiências com impacto direto no processo de aprendizagem da docência no âmbito do Pibid.

Levando em consideração o tipo de pesquisa, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas (GIL, 2002), consideradas adequadas por possibilitarem o levantamento de informações detalhadas. Esse formato combina perguntas previamente definidas, que permitem a comparação entre as respostas, com espaço para relatos mais livres, favorecendo a expressão pessoal e o aprofundamento das experiências.

Participantes

Participaram da pesquisa onze bolsistas do curso de Letras-Libras da UFMG, atuantes em escolas públicas de anos finais do Ensino Fundamental. O grupo foi composto por dois surdos e nove ouvintes, com idades variando entre 21 e 64 anos, em diferentes períodos do curso.

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados ocorreu em duas etapas: na primeira, aplicou-se um formulário *on-line*, via *Google Forms*, destinado ao levantamento de informações gerais sobre os pibidianos (tempo de participação no Pibid, período do curso, idade, tempo de atuação no Pibid na UFMG, experiências escolares anteriores, entre outros). Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (GIL, 2002), presenciais ou virtuais, em Libras ou em português escrito, conforme a preferência de cada participante. As entrevistas em Libras foram gravadas em vídeo e posteriormente transcritas para a língua portuguesa, de modo a garantir a sistematização e análise textual para preservar o sentido original dos enunciados.





A importância da prática pedagógica para a formação de professores

Segundo Libâneo (2013), a área da formação de professores abrange duas dimensões principais, sendo elas: (1) a formação teórico-científica e (2) a formação teórico-prática. A primeira dimensão inclui “a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o docente vai especializar-se e a formação pedagógica” (LIBÂNEO, 2013, p. 26-27).

A segunda dimensão, a qual é o nosso foco nesta pesquisa, visa “à preparação profissional específica para a docência” (LIBÂNEO, 2013, p.27), devendo ser realizada diretamente no ambiente escolar, em contato com os estudantes, com a supervisão e a orientação de professores.

Isso significa que a formação profissional do professor requer uma experiência prática que é orientada teoricamente, ou seja, teoria e prática não devem ser consideradas isoladamente, mas de maneira articulada. Conforme aponta Libâneo (2013, p. 27),

a organização dos conteúdos da formação do professor em aspectos teóricos e práticos de modo algum significa considerá-los isoladamente. São aspectos que devem ser articulados. As disciplinas teórico-científicas são necessariamente referidas à prática escolar, de modo que os estudos específicos realizados no âmbito da formação acadêmica sejam relacionados com os de formação pedagógica que tratam das finalidades da educação e dos condicionantes históricos, sociais e políticos da escola.

Essa articulação entre teoria e prática pode ser vista na metáfora visual apresentada na Figura 1, na qual ambas (*theory and practice*) se entrelaçam como troncos e galhos de uma árvore, sustentando o aprendizado (*learning*), que é representado como o topo (as folhas).

Figura 1. Relação entre teoria e prática



Fonte: <http://www.tradutoradeespanhol.com.br/2020/06/teoria-x-pratica.html>. Acesso em: 03 out. 2025.



Contudo, em um estudo realizado por Calderano (2012), a autora constatou que existe uma fragilidade na preparação profissional dos licenciandos, principalmente no que diz respeito “*ao trato humano e à atividade prática profissional*” (CALDERANO, 2006 *apud* CALDERANO, 2012, p. 254, grifos da autora). De acordo com Calderano (2012, p. 254), é possível observar “que muitos cursos de formação de formadores não têm, efetivamente, cooperado para uma atuação mais qualificada de seus egressos no campo educacional”. Essa questão problematizada pela autora pode ser verificada, por exemplo, nos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC), nos quais, geralmente, as disciplinas que focam na prática pedagógica, muitas vezes denominadas Estágio Supervisionado, são ofertadas nos últimos períodos dos cursos, como se estivessem dissociadas do processo formativo mais amplo, sendo concebidas apenas como um momento final de aplicação, e não como parte constitutiva e articuladora da formação docente.

Nesse sentido, a iniciativa do Pibid busca suprir essa necessidade de formação na qual teoria e prática caminham juntas, a partir da inserção dos licenciandos no cotidiano das escolas públicas de Educação Básica, desde os primeiros períodos dos cursos, contribuindo, assim, para uma formação crítica e mais qualificada dos futuros profissionais da Educação.

Ensino de Libras como L1 e como L2

No contexto da educação de surdos, a Libras ocupa lugar central, sendo reconhecida legalmente como língua de instrução e comunicação da comunidade surda brasileira (BRASIL, 2002; BRASIL, 2005). Todavia, sua efetiva implementação no espaço escolar ainda enfrenta desafios relacionados ao status linguístico, à falta de inserção da disciplina de Libras como obrigatória no currículo escolar, à escassez de materiais didáticos e à formação docente.

Segundo Quadros (1997), para estudantes surdos, a Libras deve ser compreendida como L1, a qual é fundamental para o processo de aquisição linguística e para o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais. Ademais, a autora enfatiza que a Libras, enquanto L1, não pode ser reduzida a um recurso de acessibilidade, mas deve ser valorizada como língua plena de instrução, garantindo à criança surda condições de aprendizagem equivalentes às dos ouvintes em sua L1.



Ainda nesse contexto, pesquisas evidenciam que “a maioria das crianças surdas que chegam às escolas é filha de pais ouvintes” (QUADROS, 1997, p. 30), os quais desconhecem a língua de sinais e acabam não auxiliando no processo de aquisição da linguagem de seus filhos. Esse fato acarreta uma aquisição tardia, a qual ocorre, geralmente, somente no ambiente escolar, a partir do contato com outros surdos e ouvintes que utilizam a língua de sinais.

Nessa perspectiva, Quadros (2019, p. 164) enfatiza a importância de o ensino de Libras como L1 “ser previsto no currículo pedagógico da escola”, com carga horária equivalente ao ensino da L2, ou seja, da língua portuguesa. Dessa forma, as duas línguas passariam a “ocupar parte da carga horário de ensino de forma mais equivalente” (QUADROS, 2019, p. 165).

Já para os estudantes ouvintes e demais profissionais da escola, a Libras configura-se como L2. Para esse público de aprendizes, Quadros (2019) aponta que o ensino da Libras requer metodologias específicas, que considerem a diferença modal entre a língua de sinais (visual-espacial) e a língua portuguesa (oral-auditiva). O ensino de Libras como L2, portanto, não pode reproduzir modelos de ensino de línguas orais, devendo valorizar práticas bilíngues que promovam interação e respeito à diversidade linguística. Conforme sugere Quadros (2019, p. 171), “o uso da língua precisa ser enfatizado, incluindo brincadeiras, conversação, jogos em Libras e produções que envolvam filmagens e edição de vídeos”.

Dessa forma, ao discutir a formação de professores no âmbito do Pibid Letras-Libras, este trabalho compreende que a valorização da Libras como L1 e L2 está diretamente ligada ao processo de construção identitária dos futuros docentes. Além disso, a vivência prática em sala de aula constitui um espaço privilegiado para que os pibidianos possam refletir criticamente sobre os desafios da educação de surdos, reconhecendo a centralidade da Libras e sua relevância como componente curricular nas escolas inclusivas e bilíngues.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas e dos formulários permitiu organizar os achados em seis categorias principais, a saber: (i) desafios em atividades acadêmicas; (ii) dificuldades de interação em equipe; (iii) barreiras linguísticas no uso da Libras; (iv) falta de valorização da Libras no ambiente escolar; (v) escassez de materiais didáticos adaptados; e (vi) relação com



as professoras supervisoras. Essas categorias foram construídas a partir da recorrência de respostas e da relevância dos aspectos apontados pelos participantes.

Perfil dos participantes

A pesquisa contou com 11 bolsistas do Pibid do curso de Letras-Libras da UFMG, sendo 2 surdos e 9 ouvintes, com idades entre 21 e 64 anos. O tempo de participação no Pibid variou de 1 a 8 meses, e alguns já possuíam experiência em escolas, principalmente como intérpretes ou instrutores de Libras. O Quadro 1 apresenta um resumo sobre o perfil dos participantes, bem como o tipo de entrevista realizada.

Quadro 1 - Perfil dos participantes⁴

Bolsista Idade	Surdo(a) ou ouvinte	Tipo de entrevista: virtual ou escrita	Tempo de participação no Pibid	Já trabalhou na escola? Qual experiência?	Já formou outro curso na faculdade?	Tempo de observação na escola
P1 38	Ouvinte	Virtual	8 meses	Sim, intérprete de Libras	Não	1 mês
P2 21	Surda	Virtual	8 meses	Não	Não	1 mês
P3 45	Ouvinte	Virtual	7 meses	Não	Não	3 meses
P4 30	Surdo	Virtual	7 meses	Sim, instrutor de Libras	Não	1 mês
P5 27	Ouvinte	Virtual	1 mês	Sim, intérprete de Libras	Não	1 mês
P6 43	Ouvinte	Virtual	7 meses	Não	Não	1 mês
P7 53	Ouvinte	Virtual	3 meses	Sim, intérprete de Libras	Sim, Tecnólogo em comunicação assistiva	1 mês

⁴ Os nomes dos participantes da pesquisa foram substituídos pela letra P, seguida de um número de 1 a 11, com o intuito de manter o anonimato.

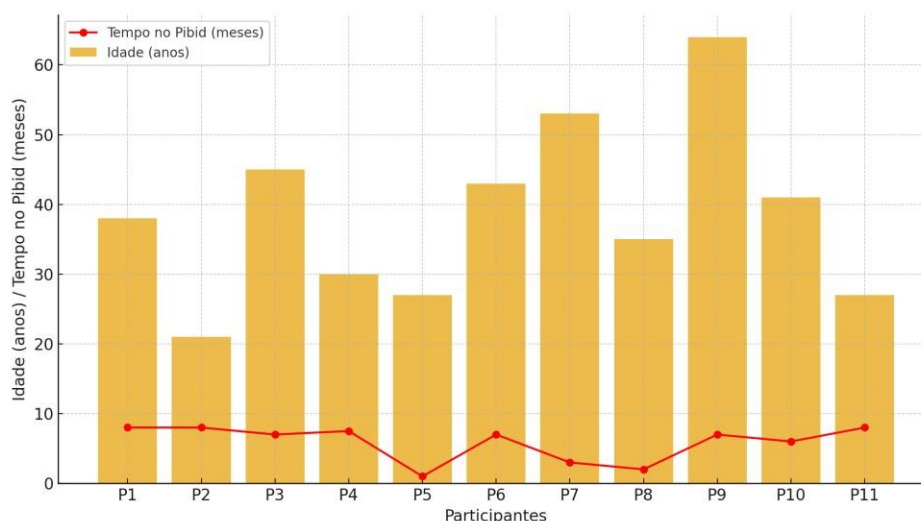


P8 35	Ouvinte	Virtual	2 meses	Sim, intérprete de Libras	Sim, Serviço Social	2 meses
P9 64	Ouvinte	Virtual	7 meses	Não	Sim, Psicologia, Neuropsicopedagogia, Terapia Cognitiva Comportamental, dentre outros	2 meses
P10 41	Ouvinte	Virtual /Escrito	6 meses	Não	Não	4 meses
P11 27	Ouvinte	Escrito	8 meses	Sim, intérprete de Libras	Não	1 mês

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O Gráfico 1, por sua vez, apresenta o perfil dos participantes por idade e tempo de participação no Pibid, de modo a ilustrar melhor a pesquisa aqui apresentada.

Gráfico 1 - Perfil dos participantes por idade e tempo de participação no Pibid



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A partir do Quadro 1 e do Gráfico 1, é possível perceber que o perfil dos participantes revela uma heterogeneidade importante: desde jovens em formação inicial até profissionais já





graduados em outras áreas, como Psicologia e Serviço Social, o que evidencia a diversidade de trajetórias formativas no Pibid.

CATEGORIAS ANALÍTICAS

(i) Desafios em atividades acadêmicas

Os bolsistas apontaram dificuldades para realização de atividades acadêmicas, tais como resumos, relatórios, apresentações de seminários e participação em reuniões, principalmente ao conciliar as demandas do Pibid com trabalhos e estudos. Conforme Libâneo (2013), a prática docente exige não apenas domínio de conteúdo, mas também a mediação pedagógica, aspecto que os pibidianos ainda estão construindo.

A maioria destacou a dificuldade em alinhar teoria e prática pedagógica. Como afirmou uma participante: “Para perceber que a teoria é diferente da prática” (P3, 2025). Outro bolsista relatou o desafio de cumprir compromissos: “Ser pontual com o horário das reuniões e a entrega das atividades” (P4, 2025).

(ii) Dificuldades de interação em equipe

Houve relatos de tensões na relação com colegas e supervisores, especialmente na divisão de tarefas. Esse aspecto confirma a perspectiva de Calderano (2012), que destaca a importância da cooperação entre docentes em formação e professores experientes como parte do processo de socialização profissional.

As tarefas em grupo também se revelaram desafiadoras, como relatou um participante: “Apresentação de seminário foi o mais difícil” (P1, 2025). Para outros, conciliar demandas externas com a participação no Pibid representou um entrave: “Participar das reuniões, devido à escala de trabalho” (P10, 2025).

(iii) Barreiras linguísticas no uso da Libras

Participantes relataram barreiras comunicacionais nos espaços escolares, entre surdos (alunos e professores) e ouvintes (alunos e funcionários), revelando limitações no domínio da



Libras pela maioria deles. Essa questão dialoga com Quadros (1997; 2019), ao apontar que a Libras ainda é pouco valorizada e consolidada como língua de instrução e comunicação.

Os bolsistas surdos destacaram limitações na comunicação com colegas. Como confirmou: “Falta de fluência da Libras pelos alunos” (P2, 2025). Essa percepção foi reforçada por outra participante, que acrescentou: “Controlar as crianças terem atenção e falta de fluência da Libras pelos alunos” (P7, 2025).

(iv) Falta de valorização da Libras no ambiente escolar

Tanto surdos quanto ouvintes relataram que a Libras ainda não é plenamente reconhecida no cotidiano escolar, sendo muitas vezes tratada como disciplina complementar ou como oficina, e não como obrigatória, nem como língua de instrução.

Alguns bolsistas perceberam desinteresse pela Libras. Uma participante observou: “Falta de interesse na Libras, por alunos e funcionários” (P5, 2025). Outro, por sua vez, destacou: “Falta de acessibilidade e não tem material adaptado para alunos surdos” (P10, 2025).

(v) Escassez de materiais didáticos adaptados

Os pibidianos evidenciaram a carência de materiais pedagógicos em Libras, fator que limita o desenvolvimento de práticas mais inovadoras, como apontado por Quadros (2019).

A carência de recursos também foi recorrente: “A professora não tem acesso a materiais de qualidade para ensinar a Libras” (P4, 2025).

(vi) Relação com as professoras supervisoras

A interação com as supervisoras foi descrita como positiva na maioria dos casos. Em relação ao trabalho da professora supervisora, um participante mencionou: “Ótima, a professora estimula a participação dos bolsistas” (P1, 2025).

Já outra participante destacou características da professora que ela considera positivas: “Boa, a professora é muito criativa, atenciosa e prestativa” (P11, 2025).



SÍNTESE DOS ACHADOS

Os dados permitem compreender que, embora o Pibid represente um espaço formativo importante, os bolsistas enfrentam barreiras estruturais, nas instituições de ensino em que atuam, e culturais que impactam sua atuação. Entre os principais achados destacam-se:

- A diversidade de trajetórias formativas dos pibidianos;
- As tensões entre teoria e prática docente;
- A necessidade de maior valorização da Libras como L1 nos espaços escolares;
- A urgência de políticas de formação continuada e produção de materiais em Libras.

Assim, os resultados reforçam a importância de repensar práticas pedagógicas e políticas institucionais, em consonância com perspectivas críticas, que reconheçam a centralidade da Libras no processo educativo, tanto como L1 quanto como L2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou os relatos de experiências recentes de pibidianos do curso de Letras-Libras da UFMG, com ênfase nos desafios enfrentados durante sua formação docente no âmbito do Pibid. Os resultados evidenciaram que o programa é percebido pelos bolsistas como um espaço formativo relevante, especialmente pela possibilidade de articular teoria e prática no processo de constituição da identidade docente. Os relatos mostraram que a experiência em sala de aula contribuiu para o desenvolvimento de competências pedagógicas, ao mesmo tempo em que revelou desafios relacionados à conciliação de atividades acadêmicas, ao trabalho em equipe e à escassez de materiais didáticos.

Outro aspecto destacado foi a necessidade de maior valorização da Libras nos espaços escolares. Embora reconhecida legalmente como língua de instrução e comunicação, a Libras ainda é tratada muitas vezes como disciplina complementar, o que reforça a urgência de políticas e práticas que assegurem seu lugar central na educação bilíngue de surdos e também no ensino de ouvintes.

Conclui-se, portanto, que o Pibid contribui de forma significativa para a formação de futuros professores de Libras, mas demanda avanços institucionais e pedagógicos que consolidem a Libras tanto como L1 para surdos quanto como L2 para ouvintes, fortalecendo sua função no processo educativo e ampliando a efetividade da educação inclusiva e bilíngue.





AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelas bolsas concedidas ao Pibid Letras-Libras (UFMG).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 3 out. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 3 out. 2025.

CALDERANO, M. A. O estágio supervisionado para além de uma atividade curricular: avaliação e proposições. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 53, p. 250-278, set. /dez. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. **Libras.** São Paulo: Parábola, 2019.

